



A Humanidade em Movimento

Matéria veiculada no "Valor Econômico" de 15/08/2003.

Reportagem de capa Mitos e realidades da migração, que inaugurou o século XXI com um fluxo que registra a mudança de país de um cidadão para cada grupo de 35.

No início do século XXI, um em cada 35 humanos era um migrante internacional.

Isso significa 175 milhões de pessoas, ou 2,9% da população mundial. Além disso, esses números excluem a torrente de migrantes ilegais. Todos os cerca de 190 Estados soberanos são agora, nas palavras da Organização Internacional

para as Migrações (IOM, na sigla em inglês), "países de origem, trânsito ou destino de migrantes, e cada vez mais as três coisas simultaneamente". Os dados são do "World Migration 2003: Managing Migration Challenges and Responses for People on the Move" (Genebra: International Organization for Migration, 2003).

Ao contrário do que se pode imaginar, a maioria dos imigrantes e refugiados termina em países da África e da Ásia

A maior fonte de migrantes foi o México, com um fluxo de saída líquido de 6 milhões entre 1970 e 1995. Em seguida está Bangladesh com 4,1 milhões, Afeganistão com 4,1 milhões e Filipinas com 2,9 milhões.

Os Estados Unidos são o país que mais recebem imigrantes do mundo. Entre 1970 e 1995, seu fluxo de entrada líquido foi de 16,7 milhões. O segundo lugar pertence à Rússia com 4,1 milhões, Arábia Saudita com 3,4 milhões, Índia e Canadá com 3,3 milhões cada, Alemanha com 2,7 milhões e França com 1,4 milhão.

Até 2000, o estoque bruto de migrantes era de 35 milhões nos EUA, seguido de 13,3 milhões na Rússia, 7,3 milhões na Alemanha, 6,9 milhões na Ucrânia, 6,3 milhões na França e na Índia, 5,8 milhões no Canadá, 5,3 milhões na Arábia Saudita, 4,7 milhões na Austrália, 4,2 milhões no Paquistão e 4 milhões no Reino Unido. Em termos de continentes, o maior estoque de migrantes estava na Europa, incluindo a Rússia, com 56 milhões.

Foto: AP



Marcha de migrantes em Hong Kong contra lei da região que proibia estrangeiros de permanecerem ilegalmente no país.

Essas entradas parecem muito diferentes quando relacionadas ao tamanho da população. Em 2000, os migrantes constituíam 74 % da população nos Emirados Árabes Unidos, 58% no Kuwait, 40% na Jordânia, 37% em Israel, 34% em Cingapura, 26% na Arábia Saudita, 25% na Austrália e na Suíça, 23% na Nova Zelândia e 19% no Canadá. Contudo, esses fluxos aparentemente enormes de migrantes internacionais devem ser considerados como proporção.

Em primeiro lugar, como parte da população mundial, o estoque de migrantes cresceu apenas 0,8 ponto porcentual desde 1975. Em segundo, a migração foi muito maior, proporcionalmente, no século XIX. Cerca de 10% da população mundial era migrante, contra menos de 3% hoje. Nos 140 anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, a migração aumentou a força de trabalho no Novo Mundo em um terço e diminuiu a força de trabalho europeia em um oitavo, números que não foram superados mesmo pela Califórnia e pelo México nos últimos 40 anos. A informação consta do trabalho "The Age of Mass Migration: Causes and Economic Impact", de Timothy J. Hatton e Jeffrey G.

Williamson (Nova York: Oxford University Press, 1998).

Em terceiro, os movimentos entre países são ofuscados por aqueles em seu interior. Cerca de 150 milhões de chineses estão migrando do campo para as cidades. Essa é a maior migração já vista, em termos absolutos. Algumas mudanças, porém, tornaram a migração mais significativa do que antes. Ela agora é global. Além disso, a taxa natural de aumento populacional está próxima do zero ou de ficar negativa em muitos países, em especial na Europa e no leste asiático. Isso faz da migração um fator determinante e decisivo no tamanho populacional, além de uma fonte de transformações sem precedente na mistura cultural, religiosa e étnica dos países.

Ademais, os fluxos reais amenizam as pressões: diferenças enormes de padrões de vida e índices de natalidade; custo relativamente baixo de transporte e comunicações; presença de redes migratórias; degradação ambiental; e colapso, em muitos países, de governos pouco competentes. A maré montante de pessoas que desejam migrar está, por si só, como observa a IOM, "entre os indicadores mais confiáveis da intensidade da globalização". A pressão sobre essas barreiras também tende a aumentar.

Impacto Econômico em Países Desenvolvidos

"Durante os anos de 1990, a Europa se tornou um continente de imigração". Essa declaração da IOM define uma mudança profunda. O continente une-se aos países ricos da América do Norte e da Oceania como um receptor líquido considerável de imigrantes. O Japão também está sofrendo uma pressão crescente para receber imigrantes. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o país precisa de mais



de 600 mil migrantes por ano só para manter sua população em idade de trabalhar. Em 2001, porém, somente 142 mil pessoas entraram no país em busca de empregos.

Em 1950, a Europa Ocidental abrigava 3,8 milhões de cidadãos estrangeiros. Hoje, esse número é de 20,5 milhões e está crescendo. Outros oito milhões são de origem estrangeira, embora já não tenham nacionalidade estrangeira. Essa imigração tem desafiado o sentido de identidade nacional. Nesse aspecto, o impacto é diferente do causado pela migração contínua em países que foram destinos tradicionais de migrantes como EUA, Canadá e Austrália.

Como Avaliar o Impacto Econômico?

Primeiro, há poucos motivos teóricos ou empíricos para se esperar que os parcos benefícios econômicos da imigração sejam grandes para o restante de uma sociedade. Os maiores benefícios provavelmente virão da imigração de pessoas com formação profissional que adquiriram sua formação alhures ou daquelas com forte impulso empresarial. Segundo, a imigração para países de alta renda tende a incluir uma grande proporção de pessoas, ou altamente qualificadas ou sem qualquer qualificação, mas relativamente poucas no meio termo. Mais de 40% dos estrangeiros nos Estados Unidos têm formação universitária. Mas a proporção de pessoas não-qualificadas é consideravelmente maior entre os imigrantes que entre as populações nativas de Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido.

Terceiro, os benefícios econômicos não existirão se os imigrantes não conseguirem trabalhar. Nisso, a evidência de alguns países é perturbadora. Nos Estados Unidos (onde estão cerca de 1 milhão de imigrantes brasileiros), Canadá e Austrália, a taxa de desemprego de estrangeiros em 2000/01 era praticamente igual à da força de trabalho como um todo. Na França, Portugal, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Finlândia e Suécia a relação era duas vezes maior, ou mais.

Por último, a eficácia da imigração para estabilizar o coeficiente de dependência da terceira idade - a proporção de pensionistas em relação à População Economicamente Ativa (PEA) - é também limitada porque os imigrantes envelhecem. Relatório da ONU publicado em 2000 argumentava que a imigração necessária para a União Européia estabilizar seu coeficiente de dependência da terceira idade elevaria sua população a mais de 1 bilhão de pessoas até 2050.

Impacto Econômico em Países em Desenvolvimento

Hoje, os países de alta renda são todos receptores líquidos de imigrantes. Numa base líquida, portanto, as pessoas vão dos países pobres para os ricos, como era de se esperar. Que custos e benefícios isso traz para os países que exportam pessoas? Os salários reais de um motorista de ônibus, por exemplo, podem ser mais de 15 vezes maiores num país rico do que num pobre. Assim, os migrantes de países pobres podem esperar melhorias no seu padrão de vida. É por isso que as pessoas estão desesperadas para mudar. É também por isso que estão corretas ao tentarem fazê-lo, em seu próprio interesse.

Os argumentos de que se pode fazer um favor aos migrantes impedindo-os de migrar para países ricos são absurdos. As exceções surgirão somente quando os migrantes não



puderem tomar uma decisão informada. O tráfico de crianças e mulheres desinformadas para a indústria sexual é um exemplo inquietante.

O que a migração pode fazer, porém, para os países que os migrantes deixam para trás? Isso depende, em parte, de quem emigra. De acordo com "The Debate over Migration into Economically Advanced Countries", a exportação de pessoas profissionalmente habilitadas, particularmente daquelas cujas habilidades foram adquiridas com dinheiro público, provavelmente prejudicará mais os que forem deixados para trás em seus países de origem que a exportação de pessoal sem qualificação profissional.

Essa emigração representa uma perda direta de capital humano. As pessoas habilitadas também fornecem um leque de serviços essenciais. À medida que essas pessoas rareiam, a eficiência econômica e os salários relativos dos não-qualificados provavelmente cairão. O inverso acontecerá, porém, se a saída afetar mais a abundante população não qualificada, embora o efeito disso provavelmente será pequeno, na prática.

Um grupo a se beneficiar é o dos receptores diretos de remessas, normalmente membros das famílias. As evidências sugerem, no entanto, que os emigrantes mais bem-educados são os menos inclinados a fazer remessas e, provavelmente, serão também os que remeterão uma parte menor de suas rendas. As remessas podem ser grandes. A Índia, por exemplo, recebeu US\$ 11,6 bilhões em 2000, o México US\$ 56,6 bilhões, a Turquia US\$ 4,6 bilhões e o Egito US\$ 3,7 bilhões.

Classificando as remessas para os 20 maiores países receptores em relação ao seu Produto Interno Bruto (PIB), a Jordânia aparece em primeiro, com 21,8% do PIB, seguida pelo Iêmen com 13,6%, El Salvador com 13,3% e Jamaica com 10,7%. Entre 1980 e 1999, Tunísia, Egito e Marrocos receberam substancialmente mais em remessas oficialmente registradas do que em ajuda. Além disso, as remessas não oficiais a muitos países podem ser grandes, às vezes muito maiores que os fluxos registrados. Nesses casos, as remessas são ainda mais importantes do que sugerem os números oficiais. A questão se elas compensam integralmente ou não os custos para as pessoas deixadas para trás é, inevitavelmente, mais polêmica.

Asilo e Migração Irregular

Os países de alta renda sentem que estão enfrentando uma crise de asilo. Isso não causa surpresa. Segundo o Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para os Refugiados, mais de 6 milhões de pedidos de asilo foram encaminhados aos países de alta renda nos anos 1990, contra 2,2 milhões nos anos 1980. Em 2001, o Reino Unido encabeçou a lista com 92 mil pedidos, seguidos de perto por Alemanha e Estados Unidos. Como porcentagem da população, porém, os países mais afetados naquele ano foram Áustria e Suíça.

Entretanto, é errado acreditar que a maioria dos refugiados termina em países de alta renda. Ao contrário, os principais receptores são países em desenvolvimento da África e da Ásia. A carga dos fluxos transnacionais de refugiados recai mais pesadamente nos países pobres que nos ricos. No debate britânico sobre a questão, o epíteto comum para os que solicitam asilo é "falso". Mas os países de onde veio o maior número de refugiados em 2001 foram, pela ordem, Afeganistão, Burundi, Iraque, Sudão, Angola,



Bósnia-Herzegovina e Somália. Eles estariam no topo de qualquer lista de países de onde fugir.

Além disso, a maioria dos pedidos de asilo é rejeitada. Segundo a Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento (OCDE), em 2000, os refugiados compunham menos de 1/5 dos imigrantes permanentes para Austrália, Portugal, Suíça, Reino Unido, Canadá, Estados Unidos e França. As exceções, segundo o estudo "Trends in International Migration", foram as seguintes: Dinamarca, Noruega e Suécia, onde os refugiados constituíam entre um quinto e dois quintos da entrada total.

Contudo, como observa a IOM. "Com a demanda por oportunidades legais de migração superando a oferta, muitas pessoas que não são refugiadas estão tentando obter acesso a novos países via o canal do asilo na falta de alternativas viáveis". Os solicitantes de asilo rejeitados podem perfeitamente se tornar imigrantes ilegais.

A pressão cria diretamente fluxos ilegais também. Os Estados Unidos estimam que o tráfico e contrabando de pessoas como um negócio movimentam US\$ 10 bilhões anuais. O endurecimento dos controles sobre a imigração desde o 11 de setembro de 2001 aumenta a pressão para esses fluxos ilegais. No geral, acredita-se que migração ilegal seja responsável por 1/3 à metade dos novos ingressantes nos países de alta renda. Os Estados Unidos, alguns prospectam, podem abrigar até 12 milhões de migrantes irregulares. O fluxo de migrantes irregulares para a União Européia foi estimado em 500 mil em 1999, um aumento de nove vezes em seis anos.

Aproximadamente 1 milhão de migrantes irregulares pediu anistia ou regularização na União Européia nos últimos cinco anos. Deveria ser mais fácil conter os movimentos ilegais de pessoas que o de drogas, mas sempre que houver uma tentação muito forte, haverá também um caminho.

A Coalizão do Medo

Nos últimos dois anos, a política externa dos Estados Unidos tem sido determinada pelo temor ao terrorismo por causa dos atentados de 11 de setembro. O governo americano já interferiu no governo do Afeganistão e do Iraque na direção da estabilidade dos Estados Unidos. Isso porque o Oriente Médio é o maior ameaçador da tranquilidade da maior potência do planeta. Mas outras regiões vão sofrer do mesmo mal. Há uma farta possibilidade de se criar uma ideologia antiamericana ao redor do mundo. Como em outras partes do mundo há governos que exportam frustrações, o império dos Estados Unidos mantém oligarquias.

Na União Européia, porém, o medo do terrorismo será diferente. Com a herança de uma Segunda Guerra Mundial sangrenta, uma história de descolonização e mais "intimidade" com atos terroristas, a briga contra o terror não exige tanto quanto a dos Estados Unidos. O temor da quebra da integridade européia não foi abalado pelo terrorismo como nos Estados Unidos. (Tradução de Celso M. Paciornik)